

Rio aos pedaços¹

Leonardo Carrilho Filippo

Arquiteto e Urbanista pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Contato: leofilippo.arq@gmail.com

Otávio Leonídio

Arquiteto, doutor em história, professor associado do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio.

Contato: leonidio@puc-rio.br

RESUMO

Desde o início da Idade Moderna, a maneira como enxergamos a realidade à nossa volta esteve pautada por uma lógica inevitavelmente contextualista, linear e contínua. Fragmentação e anacronismo são, assim, propriedades inconcebíveis do espaço e do tempo, o que se reflete na maneira como se percebe e se age na cidade. Contudo, autores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, Peter Eisenman e Robert Smithson (entre outros e outras), com seus respectivos conceitos de Rizoma, Diagrama e Site/Non-site exploram a potência e as múltiplas possibilidades de um espaço-tempo intermediado pela modernidade. O presente ensaio lança mão desses conceitos com o intuito de fazer emergir uma outra realidade. Para tanto, propõe um grid ficcional como ferramenta que opera sobre a cidade factual do Rio de Janeiro, que assim se transforma em um Rio aos Pedacos.

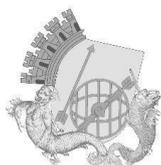
Palavras-chave: Rio de Janeiro; Rizoma; Diagrama; *Grid*.

Rio in pieces

ABSTRACT

Since the beginning of the Modern Age, the way we see the reality around us has been guided by an inevitably contextualist, linear and continuous logic. Fragmentation and anachronism are, therefore, inconceivable properties of both space and time, precluding the way one perceives and acts upon the city. Yet, authors such as Gilles Deleuze and Félix Guattari, Peter Eisenman and Robert Smithson (among others), with their respective concepts of Rhizome, Diagram and Site/Non-site, have explored the power and multiple possibilities of a space-time alien to the modern worldview. This essay makes use of these concepts in order to bring about another reality. To this effect, it proposes a fictional grid that acts upon the factual city of Rio de Janeiro, which becomes a Rio in Pieces.

Keywords: Rio de Janeiro; Rhizome; Diagram; Grid.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DO RIO AOS PEDAÇOS

DECRETO R.A.P. Nº 75006 DE 13 DE MARÇO DE 2020

*Estabelece o conjunto de ações necessárias
à redefinição das relações entre realidade e
ficção na cidade do Rio aos Pedraços*

O PREFEITO DA CIDADE DO RIO AOS PEDAÇOS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pela legislação em vigor e,

CONSIDERANDO o dever do poder público de atuação na cidade em qualquer âmbito ou camada da realidade, com adoção de medidas ficcionais com vistas à desconstrução da atual percepção do espaço e tempo na cidade;

CONSIDERANDO que para Gilles Deleuze e Félix Guattari, o mapa é o meio através do qual o rizoma pode se manifestar, podendo ser aberto, desmontável, reversível e suscetível a receber modificações constantemente;

CONSIDERANDO a compreensão de Robert Smithson acerca do mundo real como um mapa em escala 1:1, podendo ambos — o mapa e o mundo real — possuir o mesmo grau de ficcionalidade;

CONSIDERANDO a necessidade de se compreender e vivenciar o espaço e tempo da cidade como um conjunto fragmentado de elementos descontínuos,

D E C R E T A:

Art. 1º Os órgãos e entidades da Administração Pública Municipal adotarão, para fins de desconstrução do espaço e tempo contínuos na cidade do Rio aos Pedraços, as medidas estabelecidas neste Decreto.

§ 1º Implantar um *grid* imparcial e alheio a quaisquer contextos ou preexistências sobre todo o território da cidade do Rio aos Pedraços.

§ 2º O *grid* de que trata o § 1º deverá ser composto de quadrados com 300m de lado, posicionados a cada 1,5 km na direção norte, sul, leste e oeste da cidade.

§ 3º Os quadrados de que trata o § 2º deverão desempenhar, em suas áreas internas, quatro ações ficcionais que desconstruam a percepção do espaço e tempo na cidade a partir dos seguintes critérios:

I – desconstrução da escala do corpo físico como definidora da função e do grau de realidade tanto do objeto arquitetônico quanto do espaço urbano;

II – desconstrução do tempo como um elemento linear, formado necessariamente por um passado que deixou de existir, um presente único e um futuro que ainda está por vir;

III – desconstrução das possibilidades que a cidade tem e já teve de ser e, mais especificamente, do conceito de virtual como algo que se opõe ao real;

IV – desconstrução do espaço e da paisagem urbana como um elemento contínuo, estabelecido por lugares específicos e proximidades físicas denominadas como um contexto geral e globalizante.

Art. 2º As áreas internas dos quadrados tratados no Art. 1º deste decreto poderão ser manipuladas, observadas e compartilhadas através de uma plataforma digital mediada por um aplicativo de celular.

§ 1º O aplicativo permitirá múltiplas percepções dos quadrados e múltiplos agenciamentos entre as ações ficcionais descritos no Art. 1º deste decreto.

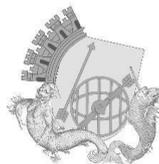
§ 2º O aplicativo de celular permitirá que os usuários criem grupos e comunidades que compartilhem suas percepções sobre a cidade ficcional gerada através do *grid* descrito no Art. 1º deste decreto.

Art. 3º A partir da publicação deste decreto, não haverá mais diferenciação entre a cidade factual, convencionalmente vivida e experimentada, a cidade como um mapa e a cidade como um diagrama (dotada de múltiplas espacialidades e temporalidades e de caráter rizomático).

Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Rio aos Pedacos, 13 de março de 2020 - 456º da Fundação da Cidade.

Republ. no Suplemento de 13.03.2020



RIO AOS PEDAÇOS

Qual a diferença entre uma cidade e o mapa dessa cidade? Entre um edifício e a maquete desse edifício? A resposta parece bem simples: um é construção/edificação, o outro, uma mera representação. Indo um pouco além: um é realidade, o outro é ficção.

Mas, e se o real não for tão evidente quanto parece? E se os limites entre real e ficcional não forem tão estritos assim? Em outras palavras, e se a mera presença do corpo físico não for suficiente para determinar o que é real — ao menos um real fenomênico, ou fenomenológico — e o que não é?

Se construirmos um modelo de cidade em escala real, o que a diferenciaria da verdadeira cidade senão apenas a nossa “crença” nesta última? Não seria a cidade, como sugeriu Robert Smithson (1996), apenas um mapa em escala 1:1, uma auto-representação — sem referente, portanto — onde a diferença entre construção/edificação e representação colapsa?

A cidade que habitamos é mais do que apenas aquilo que vemos e experimentamos como nossos corpos “reais”. É também muitas outras cidades — cidades feitas de e com corpos mais e menos reais, íntegros e despedaçados.

Boas vindas a um Rio aos Pedacos.

*

Sobre o território da cidade do Rio de Janeiro, um *grid* é lançado numa estratégia imparcial. São quadrados de 300 x 300m localizados a cada 1,5km. Qualquer outra ocupação ou dimensionamento é igualmente possível e justificável. Sua alocação e suas dimensões não seguem quaisquer critérios relativos ao contexto. Ao contrário, trata-se de uma afronta ao contextualismo e à própria ideia de contexto. O que é o contexto senão uma ideia rasa de continuidade espacial/geográfica e temporal — o subproduto de uma percepção contínua e linear do espaço-tempo?

O conjunto *grid* + mapa funciona tanto como um masterplan quanto como um diagrama, ou seja, como dispositivo transformador (EISENMAN, 1999). Aqui, o construído, o projetado e o diagrama se justapõem, constituindo um modo simultâneo de perceber e operar sobre uma cidade-mapa. Não apenas o espaço, mas também o tempo é alterado nessa condição diagramática. Como afirma Peter Eisenman (1999, p. 101, tradução própria), “o diagrama apresenta [...] uma concepção descontínua de tempo. As condições [diagramáticas] de tempo não são lineares ou conectadas em uma forma narrativa”.

Fonte: autor, 2020.

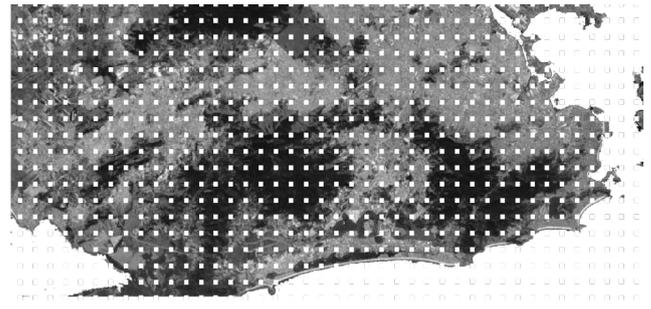


Figura 1. Grid.

Fonte: autor, 2020.

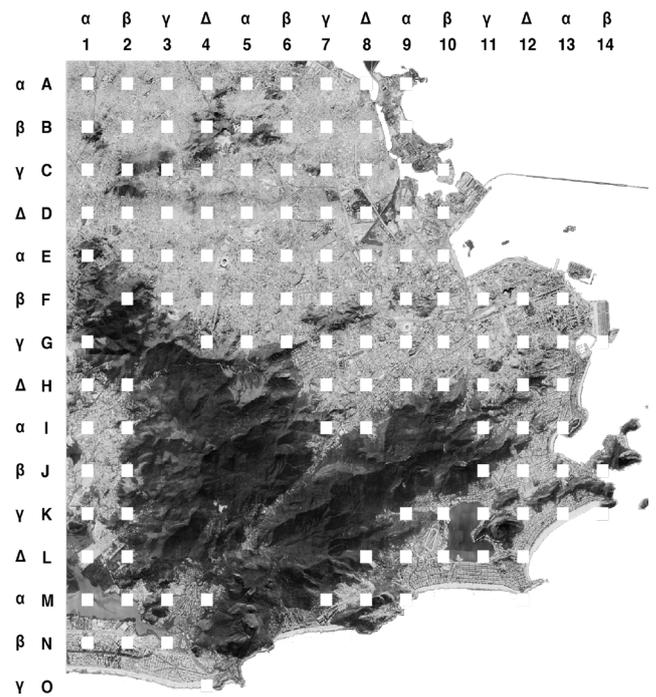


Figura 2. Matriz.

Fonte: autor, 2020.



Figura 3. Avenida Presidente Vargas.

Num mesmo caminho, Peter Pál Pelbart se refere (a partir de DELEUZE e GUATTARI, 1995) ao tempo não como uma linha, mas como multiplicidade: “Um emaranhado do tempo, em vez de um fluxo do tempo, faz pensar numa massa de tempo, em vez de um rio correndo”. Inserido nesse tempo rizomático, o espaço não pode ser o que era antes — torna-se, como diz Pelbart, “um lenço amassado, não um lenço passado” (PELBART, 2020, p. 12-13).

O *grid* se acomoda ao território do Rio, atuando sobre todas as áreas urbanizadas — áreas repletas de camadas histó-

ricas, descontínuas e fragmentadas, aquilo que Walter Benjamin chamara de “resíduos e farrapos” (BENJAMIN apud JACQUES, 2018, p. 213). Lançado o *grid*, um recorte — simultaneamente estratégico e circunstancial — é feito no mapa. Ele abarca o Centro da cidade, a Zona Sul e partes das Zonas Norte e Oeste. As linhas e colunas do *grid* são, então, nomeadas com números e letras, respectivamente, formando uma estrutura matricial. Cada ponto se torna único, específico. O C8 é diferente do F12, que, por sua vez, é diferente do N3. Cada quadrado tem sua posição própria demarcada na matriz.



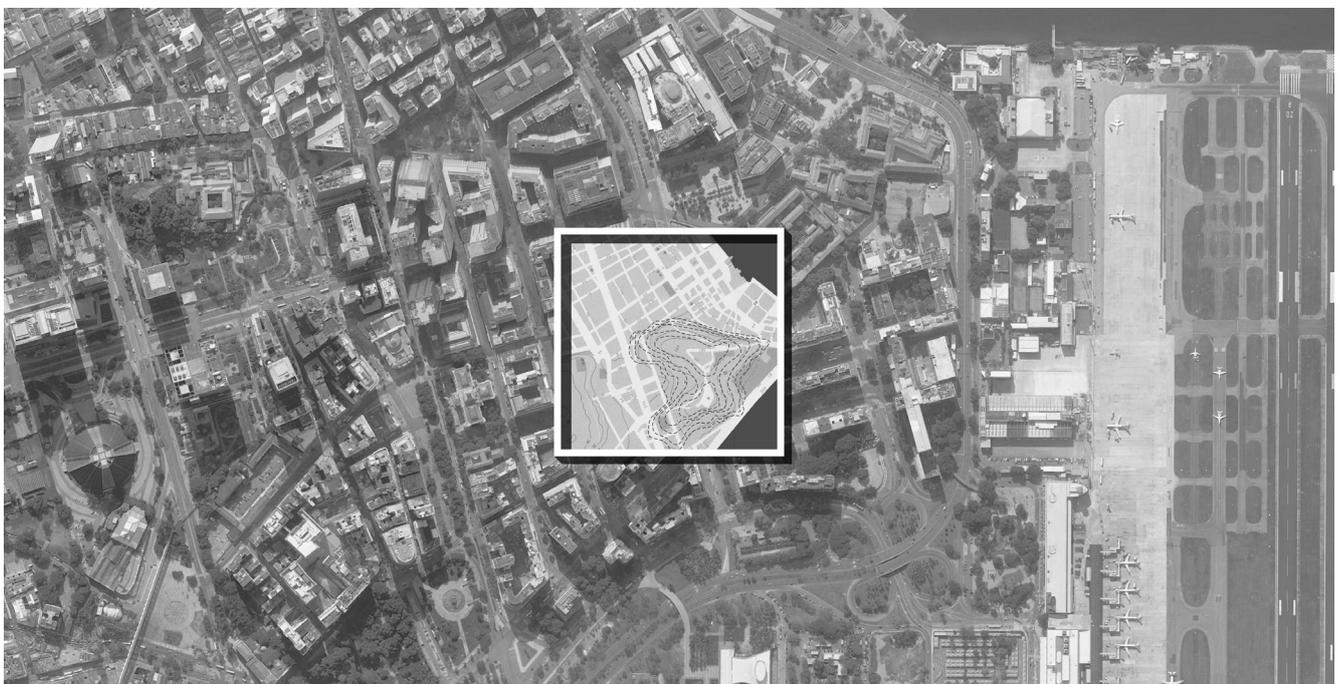
Fonte: autor, 2020.

Figura 4. Parede.



Fonte: autor, 2020.

Figura 6. Sobre o muro.



Fonte: autor, 2020.

Figura 5. Cinelândia 1. Numa ação de tempo rizomático com escala alterada, essa área do bairro do Centro do Rio toma uma nova dimensão. Além disso, traz à mostra camadas ocultas, uma vez apagadas da paisagem, como a orla ainda não aterrada, o Morro do Castelo e um tecido urbano primário da cidade.



Fonte: autor, 2020.

Figura 7. Favela da Praia do Pinto. A ação de tempo rizomático faz aparecer a favela incendiada em 1969. Leblon e a Praia do Pinto agora convivem simultaneamente, justapostos.



Fonte: Divulgação.



Fonte: autor, 2020.



Fonte: autor, 2020.

Figuras 8 e 9 (de cima para baixo). Ipanema. O projeto nunca construído de Le Corbusier para o Rio de Janeiro aparece neste quadrado seguindo a ação de lugar dissimulado. Aquilo que um dia poderia ter sido nunca esteve tão próximo daquilo que de fato é como agora.



Fonte: autor, 2020.

Figuras 10 e 11 (de cima para baixo). Galeão / São Cristóvão. O bairro de São Cristóvão e o aeroporto Galeão se embaralham com a ação de espaço descontínuo dentro de ambos os quadrados.



Fonte: autor, 2020.

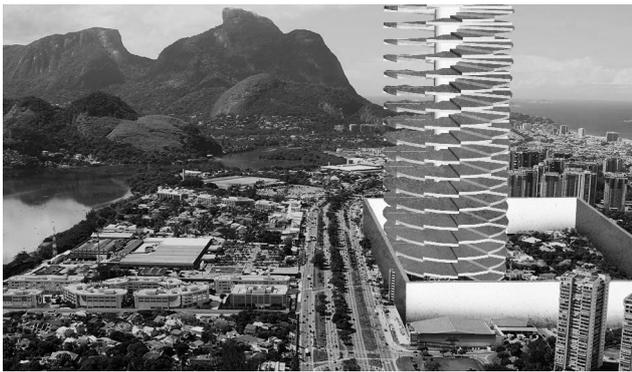
Figura 12. Cinelândia 2. Assim como na Figura 5, o bairro da Cinelândia é representado apenas com a ação de escala alterada.

Onde quer que estejam, os quadrados se separam da “cidade” por meio de muros de 5m de espessura e alturas variáveis. Por vezes, há entradas para acessá-los; por vezes, funcionam como mirantes, ou até mesmo como templos de adoração. O que são esses quadrados? São aquilo que colocam a cidade numa condição rizomática, descontínua e fragmentada, elevando-a a níveis absurdos. Os quadrados do *grid* se tornam espaços “paralelos” ao espaço da cidade. São fragmentos de cidade — seus fantasmas, latências, ficções —; espaços que reivindicam o inesperado, o não-usual, o descontínuo, o ficcional: laboratórios de cidades alternativas e fantásticas.

Os pedaços pertencem a dois “lados”. O primeiro, o lado de fora, isto é, o lado da cidade convencional, a cidade como (achamos que) a conhecemos. O segundo, o lado de dentro dos quadrados, a cidade ficcional, que traz à tona as monstruosidades e os desconfortos daquilo que julgamos não caber na cidade “real”. Mas a questão não é tanto saber o que são essas ficções, esses pedaços de cidades outras.

A questão é antes: como fazer que apareçam? (porque são exatamente isto: aparições). Assim como o diagrama de Eisenman, o *grid* é uma máquina — uma máquina que produz pedaços de cidades outras (LEONIDIO e BASBAUM, 2021).

E como uma máquina, o *grid* é um mecanismo que funciona sozinho. De algum modo, os quadrados recortam o lugar em que estão inseridos e colocam em xeque sua condição de lugar — a lugaridade de todos os espaços que, pela força do hábito e da familiaridade, acreditamos simplesmente existir. Em outras palavras, o *grid* desconstrói a especificidade do lugar, sua condição de *site-specific*, tornando tudo o que abarca num enorme *non-site* (conforme a concepção do artista Robert Smithson, 2001). Para que isso ocorra, são propostas quatro operações, operações que trazem para nossa percepção da realidade aquilo que até então só seria possível como ficção — no mapa ficcional, nas fabulações, na colagem surrealista, nas representações irrealistas do “espaço real”.



Fonte: autor, 2020.

Figura 13. Bairros Verticais, Sergio Bernardes (1965).

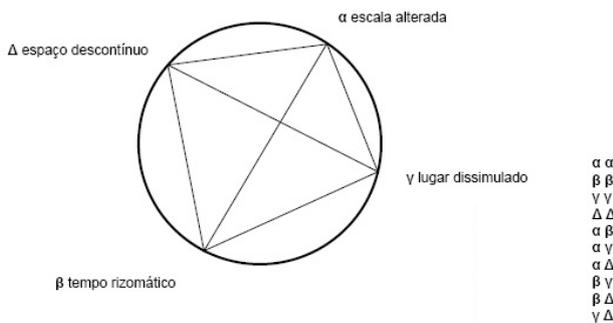


Fonte: autor, 2020.



Fonte: autor, 2020.

Figuras 14 e 15 (de cima para baixo). Maracanã / Vila Autódromo. As ações de tempo rizomático e espaço descontínuo embaralham o Maracanã e o Parque Olímpico em diferentes momentos da História. Parte do estádio dos anos 1950 aparece em meio ao Parque, enquanto a Vila Autódromo, apagada às vésperas das Olimpíadas de 2016, é posta à mostra junto com a outra metade do estádio recém-reformado.



Fonte: autor, 2020.

Figura 16. Sobreposição de ações.

Escala Alterada

- Crescer / diminuir
- Aumentar / reduzir
- Ampliar / encolher
- Escalar / desescalar
- Contrair / dilatar
- Zoom in / zoom out

Tempo Rizomático

- Passado / presente / futuro
- Retroceder / avançar
- Regredir / progredir
- Retrospectivo / prospectivo
- Retrogradar / desenvolver
- Seguir / voltar

Lugar Dissimulado

- Simular
- Copiar
- Dissimular
- Duplicar
- Replicar
- Reproduzir

Espaço Descontínuo

- Descontinuar
- Romper
- Embaralhar
- Teleportar
- Interromper
- Descontextualizar

Essas quatro operações desconstroem aquilo que acreditamos/entendemos como: 1. Relação escala/corpo; 2. Tempo linear; 3. Virtualidade no espaço construído; 4. Espaço contínuo. Essas operações devem ser organizadas de forma independente, mas de modo a promover agenciamentos entre si. O agenciamento é uma condição intrínseca do rizoma. Como indicam Deleuze e Guattari (1995, p. 17), “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”.

Como uma máquina, o *grid* funciona como uma matriz preestabelecida, um dispositivo de sobreposição de operações ficcionais. Assim, cada operação recebe um símbolo (α , β , γ e Δ), os quais são postos em sequência sobre as linhas e colunas, fazendo uma combinação de múltiplos agenciamentos. A partir daqui, a máquina funciona por conta própria.

Fonte: autor, 2020.



Figura 17. Rio aos Pedacos.

Nota de fim:

1. Este texto é um desdobramento de FILIPPO, Leonardo Carrilho. *Rio aos Pedacos*. Orientação: Otavio Leonidio. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://www.rioaospedacos.com/>. Acesso: 25, nov. 2021.

Referências Bibliográficas:

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: _____. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* - v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995, p. 09-37.

EISENMAN, Peter. Diagram: an original scene of writing. In: GARCIA, Mark (Ed.). *The Diagrams of Architecture*. AD Reader. Southport: John Wiley & Sons, 2010, p. 93-103.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

JACQUES, Paola Berenstein. Pensar por montagens. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (Org.). *Nebulosas do pensamento urbanístico: Tomo I - Modos de pensar*. Salvador: EDUFBA, 2018, p. 209-234.

LEONIDIO, Otavio. Eduardo Coimbra: Arquitetura, escultura e sastre. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, p. 27-44, 2015.

_____. Mundos de ação: arte e arquitetura depois da política. *Viso: Cadernos de estética aplicada*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 366-440, jan.-jun. 2020.

_____; BASBAUM, Ricardo. Reivindicar a cidade sem forma. *Serrote*, n. 38, p. 114-131, jul. 2021.

KOOLHAAS, Rem et al. Exodus, or the voluntary prisoners of architecture. In: KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. *S, M, L, XL*. New York: The Monacelli Press, 1995, p. 02-21.

KOOLHAAS, Rem. *Nova York delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

_____. Tabula rasa revisited. In: _____. MAU, Bruce. *S, M, L, XL*. New York: The Monacelli Press, 1995a, p. 1090-1135.

_____. The generic city. In: _____. MAU, Bruce. *S, M, L, XL*. New York: The Monacelli Press, 1995b, p. 1238-1269.

_____. Whatever happened to urbanism. In: _____. MAU, Bruce. *S, M, L, XL*. New York: The Monacelli Press, 1995c, p. 958-971.

KOLLHOFF, Hans. Entrevista com Wim Wenders. In: SILVA, Luís Octávio da (Org.). *Espaço & debates* 38. Revistas de estudos regionais e urbanos. Nova dimensão regional. 1. ed. São Paulo: NERU, 1994, p. 83-91.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: NESBITT, Kate (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica 1965-1995*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 443-461.

PELBART, Peter Pál. *Rizoma temporal*. São Paulo: ECidade, 2020.

SMITHSON, Robert. *Robert Smithson: The Collected Writings*. Edição e Introdução: Jack Flam. Berkeley: University of California Press, 1996.

_____. Um Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey. (1967). Tradução: Pedro Sussekind. *ONó Górdio, jornal de metafísica, literatura e artes*, ano 1, n. 1, p. 163-167, dez. 2001. Disponível em: https://www.ppgav.eba.ufrj.br/wp-content/uploads/2012/01/ae22_-_Robert_Smithson.pdf. Acesso em: 21, set. 2021.